

Desenho e cartografia escolar no ensino de Geografia

Design and cartography at school in Geography teaching

Simone Santos de Oliveira *

Resumo:

Este trabalho intenciona discutir a importância do desenho no ensino de Geografia, sobretudo articulado com a cartografia escolar. Trata-se de um relato de experiência formativa desenvolvida no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI, Serrinha-BA, ancoradas no desenho como linguagem. Tal experiência revelou que a linguagem do desenho associada à cartografia tem uma enorme potencialidade para dinamizar o ensino de Geografia na escola, promover aprendizagens mais significativas, podendo o professor de Geografia fazer uso dessas linguagens no cotidiano de suas aulas para discutir temáticas e conteúdos geo(carto)gráficos na educação básica.

* Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

Abstract:

This work intends to discuss the importance of design in teaching Geography, mostly linked to school cartography. It is a formative experience report developed at the graduation in Geography at University of the State of Bahia – UNEB, Campus XI, Serrinha, Bahia, anchored in the drawing as language. Such experience has shown that the design of the language associated with cartography has a huge potential to boost the teaching of Geography at school, promote more meaningful learning, allowing the professor of geography make use of these languages in their everyday classes to discuss issues and geo content (card) graphics in basic education.

Palavras-chave:

Desenho,
Ensino de Geografia,
Cartografia escolar

Key-Words:

Design,
Geography teaching,
Cartography at school

DESENHANDO NOTAS INICIAIS: UMA INTRODUÇÃO

O presente artigo é um desmembramento de pesquisas sobre o ensino de Geografia, iniciadas no período do curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Geografia, compreendido entre os anos de 2005 e 2006, passando pelas aprendizagens adquiridas sobre Desenho no Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, no estado da Bahia, entre os anos de 2009 a 2011 e, sobretudo, resulta das experiências profissionais vivenciadas com o desenho e a cartografia escolar durante os processos formativos do Curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB¹, Campus XI – Serrinha, desde março de 2009.

O objetivo principal deste artigo é discutir a importância e a potencialidade do desenho no ensino de Geografia, sobretudo a partir das experiências vivenciadas no curso de formação de professores de Geografia da UNEB. Para tanto, é necessário caracterizar o desenho como linguagem (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012) e sua potencialidade como procedimento metodológico no ensino de Geografia (ALMEIDA, 2003; CASTELLAR, 2011); diferenciar a cartografia enquanto linguagem, procedimento e conteúdo (CASTELLAR, 2011), como também socializar algumas propostas de atividades dinamizadoras tendo o desenho como viés metodológico para ensinar Geografia, sobretudo no que concerne ao processo de alfabetização cartográfica (ALMEIDA, 2003; CASTELLAR; MORAES, 2013; CASTROGIOVANNI, 2000).

Vale ressaltar que este artigo encontra-se embasado teoricamente nas produções de Almeida (2003); Castellar (2011); Castrogiovanni (2000); Cavalcanti (2002); Eby (1962); Francischett (2012); Gomes (1996); Moreira (1995); Osinski (2002); Oliveira e Portugal (2012); Trinchão (2009), dentre outros.

1. A HISTÓRIA DO DESENHO

Gomes (1996), ao falar sobre desenho, coloca que “[...] é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos” (p. 13). Deste modo, falar em desenho

nos remete às discussões da origem da arte, já que desenho é, acima de tudo, uma arte.

Osinski (2002) afirma que as origens da arte coincidem com as do próprio homem, embora a história do ensino da arte sistematizada, ocorrida em instituições organizadas, seja algo relativamente recente na história da humanidade, pois os conhecimentos artísticos eram transmitidos pela tradição, perduradas desde o período Paleolítico até o Renascimento.

Ainda revisitando as discussões sobre o desenho, Osinski (2002) coloca que o fazer artístico era cercado de rituais, de magia, sendo o artista considerado como um feiticeiro, cujos procedimentos didáticos desse período, baseavam-se na tradição e imitação, pois o conhecimento era transmitido por meio do exemplo de seu próprio fazer. Assim, mais tarde surgem as oficinas do artesão clássico, colocando a pintura, a escultura ou arquitetura do artista grego ou romano numa situação mais privilegiada.

Com as ideias Iluministas, alguns pedagogos e artistas começam a disseminar uma necessidade de socialização do saber do desenho no espaço escolar. Tais ideias ganham força nos discursos e ideais de educação de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Froebel, afirma Trinchão (2009). Ainda para esta autora, Comenius pode ser considerado o primeiro pedagogo a defender a importância do desenho, ao afirmar que a educação deve começar pelos sentidos, defendendo uma educação utilitária, cujas propostas destacam o desenho como meio de divulgação das palavras e introduziu o conhecimento em desenho na educação pela prática sistemática da imitação dos objetos, com o intuito de adquirir a perfeição, pois “as coisas devem ser postas diante dos sentidos, as visíveis diante dos olhos, as sonoras, dos ouvidos, daí por diante” (COMENIUS, 2002, p. 232, apud TRINCHÃO, 2009, p. 85).

Portanto, ler o mundo e suas diferentes paisagens perpassa pela análise das formas dos elementos que compõem o espaço que vemos e vivemos, da forma como elas são desenhadas pela natureza ou pela ação humana, bem como pela interpretação que fazemos do que olhamos, ouvimos e sentimos.

Revisitando a literatura sobre a necessidade de socialização do saber do desenho no espaço escolar, fica clara a posição de Rousseau sobre o desenho e comunhão dos ideais de Comenius ao defender uma educação utilitária ao afirmar que a educação não vem de fora, é

a expressão livre da criança no seu contato com a natureza. Sobre as propostas de Rousseau, temos o desenho como uma atividade imitadora, embora a criança desenhe naturalmente, sem se preocupar com a arte em si, mas para tornar o seu olho justo e sua mão flexível, levando a perfeição a partir da repetição exaustiva.

A literatura ainda aponta que, para Pestalozzi, a educação podia mudar o indivíduo e a sociedade, pois suas propostas baseavam-se nas ideias naturalistas de Rousseau, ao colocar a prática do desenho como disciplina escolar em cursos elementares, embora haja divergência na didática ao propor um trabalho educacional baseado no desenho geométrico. Pestalozzi também defendia a inserção do desenho e da geometria como conhecimentos básicos na formação e instrução, direcionando o desenho para o ensino primário (acesso natural da escrita) e a geometria e o desenho para o ensino superior.

Sobre o ensino de desenho, Eby afirma que:

O ensino do Desenho, por estar ligado à percepção e a observação da forma, surge como meio de tornar o pensamento claro e preciso e de exercitar “a criança na grandeza da observação”, condições básicas para o entendimento da doutrina pestalozziana “da impressão sensorial como fundamento de toda a instrução”. O Desenho está compreendido como uma forma natural de expressão da criança, primeira tentativa de simbolização linear que dá “acesso natural à escrita” e facilita naturalmente sua execução (EBY, 1962, p. 394)

De fato, a criança, antes de escrever palavras e frases, utiliza o desenho como forma de representar o que vê e ouve, a partir de suas observações, mas com o decorrer do processo de escolarização, a escola vai negando o desenho como linguagem, valorizando outras formas de expressão, principalmente quando a criança passa a dominar a escrita formal.

Trinchão (2009) afirma que Froebel considera o desenho como uma atividade inerente ao sujeito, embora sua metodologia esteja baseada na prática e na intuição. Segundo ele, o desenho conduz ao entendimento, às faculdades intelectuais, ao espiritual, ao corporal, ao externo, à destreza da mão, desenterra o tédio e a ociosidade, pois:

O Desenho, como disposição natural e como concepção pedagógica, atende ao ensino das artes e da escrita. O conhecimento se constrói gradativamente [...]. A brincadeira agora traz o brinquedo como elemento didático do ensino intuitivo, principalmente e de Desenho. Brincando se explora exaustivamente a forma pela intuição, associa às coisas da vida e se descobrem propriedades e leis matemáticas (TRINCHÃO,

2009, p. 96).

Além dos saberes da matemática e da geometria, é notório que o desenho também conduz ao entendimento dos aspectos e fenômenos da ciência geográfica, uma vez que é através do desenho que a criança começa a registrar os elementos contidos no espaço e se perceber como sujeito construtor e transformador da paisagem, como sinaliza Almeida (2003) na obra “Do Desenho ao Mapa – iniciação cartográfica na escola” ao utilizar-se do desenho trajeto como forma de representação do espaço geográfico.

Não podemos desconsiderar as contribuições de Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Froebel sobre o ensino de desenho, pois eles foram os pedagogos precursores da conscientização da necessidade de socialização do saber em desenho no espaço escolar, apresentando indicativos dos processos de recriação e didatização desse saber, cujas ideias nortearam recriações didáticas que se seguiram no ensino luso-brasileiro, consagrando o desenho como objeto de ensino, tornando-se a base de sistemas educacionais ocidentais, pelas teorias da educação utilitária ou naturalista ou pelas vertentes racionalistas ou intuitivas.

Vale ressaltar que a didática do desenho tem como orientação a repetição da cópia ou imitação das formas, cuja função é a mecanização da instrução e da mente, instrumentalizando o olho e a mão, negando-o como linguagem de livre expressão, pois o desenho prepara o indivíduo para outras atividades, como por exemplo, a escrita. Dentro desse contexto, podemos afirmar que nos primeiros anos de vida de uma criança a prática de desenhar é uma constante porque ela a considera como uma forma de expressão, de expor sentimentos e de mostrar como ela está se apropriando do mundo a sua volta. Assim sendo, o desenho é representação, é linguagem, mas quando a criança passa a dominar a leitura e a escrita na escola, deixa de lado o desenho como linguagem e forma de representação espacial. Isso fica evidenciado nas práticas experienciadas durante o curso de Licenciatura em Geografia da UNEB, durante esses quase seis anos atuando como docente nesta instituição de ensino superior, como professora formadora e, sobretudo, como professora da educação básica, ao ensinar

Geografia para os alunos dos ensinos Fundamental II e Médio.

2. A CARTOGRAFIA; LINGUAGEM, PROCEDIMENTO E CONTEÚDO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Moreira (1995) afirma que quando uma criança desenha, ela escreve o mundo à sua maneira, registrando no papel, através de suas representações gráficas, os elementos contidos no lugar de sua vivência e na paisagem que ela vê. Deste modo, desenho é representação do espaço, além de ser uma linguagem visual como a cartográfica.

Para Joly (2005) a cartografia é uma linguagem visual porque exprime, através do emprego de um sistema de símbolos, um pensamento e um desejo de comunicação. Portanto, corresponde a um conjunto de signos compreensíveis que levam o sujeito a compreender, sobretudo, através do mapa, a mensagem nela expressa através de pontos, linhas e cores, expressa numa legenda (convenções), pois “é um sistema-código de comunicação imprescindível para o processo de aprendizagem em Geografia” (CARDONA, 2002 apud CASTELLAR, 2011, p. 122), tendo, contudo, o mapa como principal meio de comunicação geográfica porque materializa e transmite informações, uma vez que “é uma linguagem icnográfica de comunicação que permite ler e escrever as características do território”, assevera Castellar (2011, p. 133).

E, enquanto alternativa metodológica, a Cartografia é, para Castellar (2011, p. 121), “[...] essencial para a educação geográfica, para a construção da cidadania do aluno”. Deste modo, a Cartografia permite ao aluno compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem abstrata dos espaços representados, sobretudo pelos mapas, a partir da mediação pedagógica do professor sobre os elementos imprescindíveis contidos nas convenções cartográficas como pontos, linhas e cores, já que a linguagem cartográfica é uma estratégia e procedimento de ensino porque permite ao aluno ver, analisar e interpretar diferentes informações relacionadas à produção de um determinado espaço ou parte dele.

Castellar (2011) propõe o letramento cartográfico, caracterizado como um conjunto de procedimentos didáticos que levam o aluno a descrever, comparar, relacionar, sintetizar e construir croquis, ou seja, a ler o espaço vivido, interpretá-lo e representá-lo graficamente,

articulando fatos e conceitos que permitem a leitura e a análise do espaço geográfico, bem como de outras categorias espaciais.

Assim sendo, a cartografia se constitui como uma alternativa metodológica imprescindível no processo de educação geográfica na escola, uma vez que a cartografia é considerada uma “[...] arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas, [...] uma representação geométrica plana, simplificada e convencional, de todo ou da parte da superfície terrestre” (JOLY, 2005, p. 7).

Desse modo, torna-se imprescindível ler, compreender e construir mapas. Para tanto, é necessário entender o que compõem os mapas, o que são os pontos, as linhas, as cores neles representados, para que servem as longitudes e as latitudes, quais são os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais e o que estão localizados nos espaços representados, qual é a escala gráfica e numérica do mapa, quais informações são expressas na legenda, o que nos diz o sistema de coordenadas geográficas, quais os tipos de projeções e de mapas que existem, qual a importância da técnica de observação e de registro das características da superfície terrestre (sensoriamento remoto...), dentre outros aspectos pertinentes à leitura e representação do espaço geográfico, constituindo-se como conteúdos imprescindíveis na educação geográfica escolar, fundamental para a formação de leitores e construtores de mapas geográficos.

Deste modo, discutir a cartografia na perspectiva da linguagem, da alternativa metodológica e do conteúdo permite também aproximações com o desenho, uma vez que este é também linguagem e procedimento metodológico, podendo ser utilizado para dinamizar as aulas de Geografia, possibilitando um maior aprendizado cartográfico.

3. O DESENHO E A CARTOGRAFIA ESCOLAR: PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS PARA ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA

Ensinar e aprender Geografia e cartografia na escola deve ser ações decorrentes de uma rede de experiências vivenciadas e consolidadas tanto no cotidiano das crianças e dos jovens, quanto nos seus processos de escolarização e de educação geográfica. Assim, complementa Francischett (2012), ao dizer que:

Aprender e ensinar Geografia refere-se a uma rede de experiências do conhecimento que adquire validade na convivência e

consolida-se na linguagem cartográfica como ato de sistematização e leitura do mundo nas representações cartográficas (FRANCISCHETT, 2012, p. 177).

De fato, a cartografia é responsável pela representação do espaço ou parte dele e cabe ao professor de Geografia ensinar temas e conceitos geográficos a partir das diversas formas de representação gráfica. Nesse sentido, Cavalcanti (2002, p. 96) coloca que “O trabalho com as diferentes formas com a representação gráficas comuns na linguagem geográfica pode ser tomado como um procedimento de grande relevância nos estudos da Geografia”.

Partindo do pressuposto de que aprender e ensinar Geografia tem uma relação direta com uma rede de experiências a partir do que é vivido e representado graficamente, podemos reafirmar que a cartografia é linguagem, bem como alternativa metodológica e conteúdo ministrado na educação básica, no ensino de Geografia e que o desenho também é uma linguagem e alternativa metodológica que pode ser utilizada no ensino da Geo(carto)grafia².

Para mobilizar os alunos da educação básica para adquirirem certas noções espaciais fundamentais para a aprendizagem geográfica e aprenderem conteúdos da área de Geografia, sugerimos algumas atividades³ como:

- “Desenho Trajeto Casa-universidade”⁴ – Nesta atividade (Figura 1), os alunos são mobilizados a fazer o desenho individual do trajeto percorrido diariamente entre a sua casa e a universidade. Com este tipo de atividade o professor pode explorar vários conteúdos da Geografia escolar, como os elementos contidos na paisagem, o urbano e o rural, a dinâmica da paisagem, os elementos naturais e culturais contidos nas diferentes paisagens, as categorias de análise espacial como lugar e paisagem, a cidade, dentre outras, bem como discutir as convenções cartográficas a partir dos desenhos feitos pelos alunos e expostos nas legendas dos seus desenhos-trajetos, permitindo, assim, “[...] o estudo do lugar de vivência e auxiliando na leitura de um mapa” (CASTELLAR; MORAES, 2013, p. 22).

- “Desenhando a música”⁵ – Nesta atividade (Figura 2), os alunos puderam representar graficamente, através de desenhos, os elementos geográficos contidos nas letras das músicas (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012) que foram distribuídas, lidas, ouvidas e cantadas em sala de aula durante a disciplina de Prática de Ensino em Geografia II. Após cantarem as músicas, foi solicitado aos alunos que escolhessem uma música e a representasse através de desenhos, tendo em

vista a reprodução dos elementos geográficos mais marcantes na letra da música que foi escolhida. Após a construção dos desenhos individuais, feitos em papel de ofício, os alunos foram mobilizados a fazerem a socialização dos desenhos entre eles e foram explorados os conteúdos geográficos a partir da letra e do desenho das músicas escolhidas, como fica evidenciado na imagem construída em 2009 por Jayara, uma professora em formação inicial, hoje já graduada, que escolheu a música Parabolicamará de Gilberto Gil (1991).

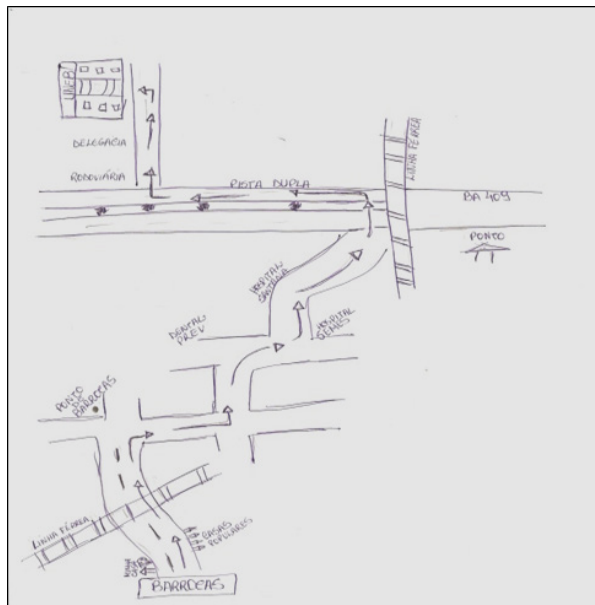


Figura 1: Trajeto Casa-UNEB
Fonte: Arquivo da autora. Prática de Ensino em Geografia II. UNEB, Serinha, 2010.
Autoria: Ivanilda.



Figura 2: Desenhando a música (Parabolicamará - Gilberto Gil, 1991).
Fonte: Arquivo da autora. Prática de Ensino em Geografia II. UNEB, Serinha, 2009.
Autoria: Jayara.

- “Desenhando o Corpo”⁶ – Nesta atividade (Figura 3), os alunos foram orientados a desenhar o corpo do colega

numa planta baixa (CASTROGIOVANNI, 2000) na folha de papel metro, buscando representar fielmente todos os elementos (cor e tipo de roupa, acessórios, forma do corpo, dentre outros aspectos pertinentes à representação) que caracterizassem o corpo do colega, colocando-os numa legenda. Com este tipo de atividade, foi possível explorar noções de limite, localização e representação. Depois foi explorada a noção de hemisferização a partir do corpo do colega representado, discutindo com os professores em formação inicial elementos representados e distribuídos nos hemisférios norte, sul, leste e oeste, além de ter sido possível discutir as convenções construídas pelos grupos de alunos para representar os elementos na legenda do desenho feito.



Figura 3: Desenhando o colega
Fonte: Arquivo da autora. Prática de Ensino em Geografia II. UNEB, Serrinha, 2010.
Autoria: Grupo de graduandos do 2º semestre em Licenciatura em Geografia.

- “Partida de Futebol”²⁷ – Esta atividade foi possível de ser realizado a partir de um desenho que representava uma partida de futebol feita pelos próprios professores em formação inicial em Geografia, como é exposto na Figura 4 e da exposição da imagem da figura 5 para explorar questões de orientação, sobretudo as noções de direção, como os pontos cardeais norte, sul, leste e oeste, bem como os pontos colaterais nordeste, sudeste, sudoeste e noroeste, a partir de uma atividade que envolve futebol, haja vista que o futebol é um esporte de paixão nacional e pode ser utilizado para ensinar e aprender noções de orientação, ao explorar a direção em que a bola vai rolar, como fica exposto no quadro que acompanha a imagem da figura 5.

- “Menina-Mundo”²⁸ – Nesta atividade, os alunos fo-

ram mobilizados a imaginar que o desenho da menina-mundo representasse o espaço mundial, tendo como referência de localização inicial a direção Sul e o triângulo desenhado próximo à orelha da menina-mundo. A partir da direção Sul, representada pela letra “S”, acompanhada de uma seta, os alunos tinham que dar a localização aproximada de alguns continentes e países.

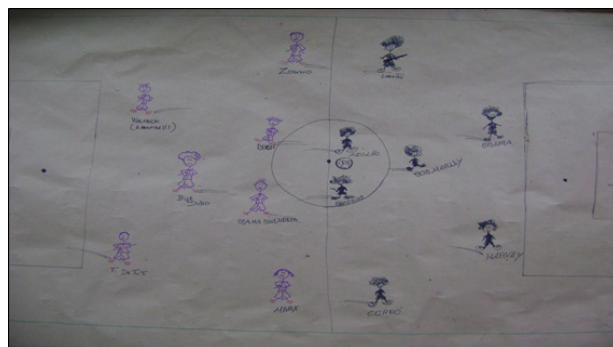


Figura 4: Desenho de uma partida de futebol
Fonte: Arquivo da autora. Prática de Ensino em Geografia. UNEB, Serrinha, 2010.
Autoria: Grupo de graduandos do 2º semestre em Licenciatura em Geografia.



| Jogada | Jogador que chuta a bola | Jogador que recebe a bola | Direção que a bola vai rolar |
|--------|--------------------------|---------------------------|------------------------------|
| 1 | | | |
| 2 | | | |

Figura 5: Partida de futebol
Fonte da imagem: www.google.com.br/imagens.
Fonte da proposta de atividade: Castrogiovanni, 2000.
Adaptação: Simone Santos de Oliveira. Prática de Ensino em Geografia. UNEB, Serrinha, 2010.

Inicialmente a atividade começou com o seguinte questionamento:

- Imaginemos que o desenho abaixo seja a repre-

sentação do espaço mundial e o triângulo represente a estado da Bahia. Assim, qual a localização aproximada do continente africano, europeu, asiático e Antártida?

Depois que responderam a esta pergunta inicial, foi solicitado aos professores em formação inicial que dessem a localização aproximada dos seguintes países: Arábia Saudita, África do Sul, Brasil, Canadá, Estados Unidos e Rússia.

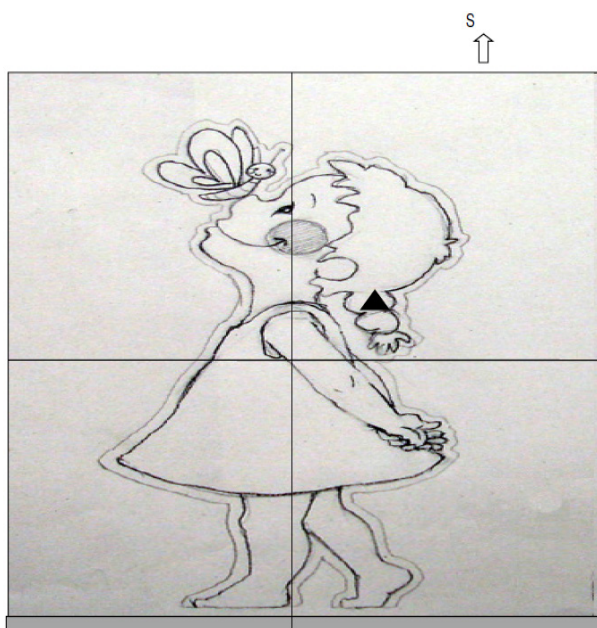


Figura 6: Menina Mundo – Direção Sul
Fonte da imagem: www.google.com.br/imagens, 2009.
Adaptação da imagem e criação da atividade: Simone Santos de Oliveira, 2009.

Após responderem a esses questionamentos iniciais, foi solicitada aos graduandos que fizessem a indicação no desenho desses lugares, representando-os através de formas geométricas e organizadas numa legenda.

Após responderem a estas indagações iniciais, os alunos foram mobilizados a pensar no espaço mundial, a partir do desenho menina-mundo numa outra perspectiva de análise, ao responderem o questionamento a seguir:

- E, se a seta indicasse o N e o triângulo fosse a Arábia Saudita, qual seria a localização do Brasil, EUA, Canadá, África do Sul e Rússia? Indique-os através de uma legenda (se quiser, utilize formas geométricas)

Após a realização dessas atividades, podemos perceber a importância de criar metodologias de ensino a partir do desenho, pois nesta última atividade da menina-mundo, os professores em formação inicial do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia-UNEB afirmam

que ela foi muito significativa para a formação docente, embora tivessem sentido algumas dificuldades iniciais.

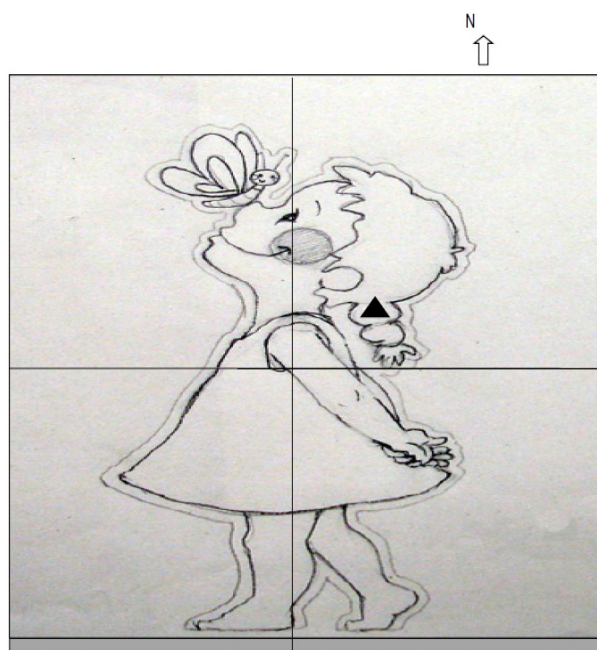


Figura 7: Menina Mundo – Direção Norte
Fonte da imagem: www.google.com.br/imagens, 2009.
Adaptação da imagem e criação da atividade: Simone Santos de Oliveira, 2009.

Assim, enfatizam os professores de Geografia em formação inicial:

Exercitando a cartografia com a menina mundo representou, para mim, uma atividade extremamente difícil. No primeiro momento, ao analisar apenas o desenho da menina, pareceu fácil localizar os continentes pedidos no exercício. No entanto, ao notar que onde costumemente encontramos o “norte” nos mapas estava o “sul” fiquei completamente perdida. (Naiane – Narrativa de formação sobre a atividade Menina-mundo, 2015).

A proposta da atividade Menina-mundo [...] é muito interessante, pois ajuda o professor trabalhar o conteúdo de diversas maneiras em sala de aula, além de aumentar a capacidade dos estudantes de se localizarem no globo terrestre, saber a sua localização, a dos continentes, países, etc. Essas possibilidades de se trabalhar em sala de aula com a cartografia foram essenciais para minha formação, com elas posso tornar as aulas de Geografia mais dinâmicas e participativas. Nesta atividade tive a capacidade de entender ainda mais o quanto é importante se exercitar a cartografia usando outros materiais que às vezes se encontram presentes no dia-a-dia dos estudantes como: figuras, brinquedos, desenhos, aparelhos celulares etc. (Alessandro - Narrativas de formação sobre a atividade Menina-mundo, 2015)

Tentei realizar a atividade menina-mundo de várias formas – virando o desenho da menina de ponta cabeça, tentando encontrar o traçado dos continentes “escondidos” nas formas

da menina, substituindo o “sul” por “norte”... Pensei, repensei e nada. Não conseguia localizar nenhum continente. A única maneira que me possibilitou realizar a atividade foi recorrendo ao mapa-múndi e, com ele de “ponta cabeça”, fui localizando os continentes na menina-mundo. Frustrante isso! Achei-me incompetente, despreparada, leiga num assunto que deveria dominar, uma vez que faz parte da ciência que estudo. O que fica com esta atividade é a certeza de que a cartografia é um conhecimento desconhecido por muitos que a deveria dominar e ensinar. Fica ainda uma forte inquietação direcionando-me a uma pesquisa mais profunda sobre o assunto, pois é inadmissível a um futuro professor de Geografia não desbravar situações-problema, cujo conteúdo principal é justamente tal conhecimento e suas múltiplas ferramentas. (Naiane – Narrativa de formação sobre a atividade Menina-mundo, 2015).

Fica claro a partir desses fragmentos narrativos que é importante aprender a cartografia escolar de forma dinâmica durante o processo de formação inicial docente, sobretudo utilizar o desenho neste processo, de modo que as aulas de Geografia/Cartografia na escola básica sejam significativas e estimulem os alunos para a aprendizagem dos conteúdos curriculares que envolvem a cartografia de uma outra maneira, de modo que estimule o raciocínio e desenvolva habilidades geo(carto)gráficas.

4. DESENHANDO NOTAS CONCLUSIVAS

Essas experiências realizadas com os professores de Geografia, em processo de formação inicial, no Departamento de Educação da UNEB, em Serrinha, interior do estado da Bahia, tem mostrado que é possível trabalhar e discutir temáticas da Geografia escolar a partir do desenho e utilizá-lo com um dispositivo para alfabetizar geo(carto)graficamente os nossos alunos da educação básica, uma vez que práticas pedagógicas com o desenho permitem ao sujeito aprender conteúdos da Geografia escolar de forma dinâmica e prazerosa, pois, é preciso “[...] se deixar contagiar pelo prazer da brincadeira com os traços, as formas e as cores. Reaprender a ver, a se espantar com o que vê [...]” (MOREIRA, 1995, p. 95) para aprender Geografia.

Infelizmente, o que temos visto é que o sistema educacional brasileiro pouco tem dado ênfase ao desenho como arte, como expressão humana, como forma de linguagem e, sobretudo, como procedimento metodológico para ensinar Geografia, pois essas representações gráficas dos alunos são pouco valorizadas pela escola porque a educação básica nega o desenho e prioriza outras formas de linguagem.

As experiências vivenciadas com o desenho e a cartografia na academia, nos cursos de licenciatura da UNEB, especialmente o de Geografia em Serrinha-BA tem demonstrado resultados significativos na formação inicial de professores de Geografia, pois através de atividades lúdicas como

o “Desenho Trajeto casa-universidade”, embasadas no que propõe Almeida (2003), onde os alunos puderam representar os elementos que compõem a paisagem do trajeto percorrido diariamente por eles; “Desenhando a música” que permitiu aos alunos representar graficamente os elementos geográficos contidos nas letras das músicas ouvidas; “Desenhando o Corpo” (CASTROGIOVANNI, 2000) numa planta baixa, o que possibilitou discutir temáticas que envolvem a alfabetização cartográfica, como limites, convenções cartográficas e representações; “Partida de Futebol” (CASTROGIOVANNI, 2000) que permitiu discutir formas de orientação e “Menina Mundo” que possibilitou trabalhar questões de localização e orientação, além de possibilitar desconstruir a visão eurocêntrica que coloca o continente europeu como o centro do mundo, tornando as aulas mais interessantes para os alunos. Essas atividades têm demonstrado que o desenho pode ser utilizado como um excelente dispositivo pedagógico para ensinar e aprender a Geo(carto)grafia escolar, possibilitando ao professor de Geografia dinamizar suas aulas na escola, seja como professor-estagiário ou regente de classe, tornando as aulas prazerosas e significativas para os alunos, uma vez que “[...] o trabalho com desenhos cria possibilidades de outras tantas leituras do/sobre o mundo [...]”, como nos asseguram Oliveira e Portugal (2012).

DESENHANDO DIÁLOGOS COM...

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ARANTES, Guilherme. **“Planeta Água”**. Série ONE – 16 hits, EMI, 2009. 1 CD-ROM.

CASTELLAR, Sonia Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de. “A linguagem Cartográfica: possibilidades para a aprendizagem significativa”. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva (Org.). **(Geo)grafias e Linguagens: Conceções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba, PR: CRV, 2013, p. 21-37.

CASTELLAR, Sonia Vanzella. “A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar”. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 121-135.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Por-

to Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

EBY, Frederick. **História da Educação Moderna. Teoria, Organização e Práticas Educacionais**. Tradução de Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia, Malvina Cohen Zaide. 2. ed. Porto Alegre, Globo; Brasília, INL, 1962.

FRANCISCHETTI, Mafalda Nesi. "Aspectos da aprendizagem das representações cartográficas no ensino de Geografia". In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 175-184.

FROEBEL, Friedrich W. A. **A educação do homem**. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GIL, Gilberto. **"Parabolicamará"**. Álbum Parabolicamará. Warner Music, 1991. 1 CD-ROM.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **"Asa Branca"**. Álbum Volta para curtir: ao vivo. BMG, 2001. 1 CD-ROM.

JOLY, Fernand. **A Cartografia**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1995.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. "O ensino da geo(carto)grafia: práticas com o desenho numa proposta interdisciplinar". In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Org.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba, PR: CRV, 2012, p. 185-211.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Arte, História e Ensino – uma trajetória**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Didáticas e discursos em defesa do Desenho como objeto de ensino e de sua inserção na instrução pública luso-brasileira. **Revista História da Educação**. v. 13, n. 29, p. 79-113, set./dez, 2009.

Notas de Fim:

1- A Universidade do Estado da Bahia – UNEB é a maior instituição pública de ensino superior do estado da Bahia, fundada em 1983 e mantida pelo Governo do Estado por intermédio da Secretaria da Educação – SEC, está presente geograficamente em todas as regiões do Estado, estruturada no sistema multicampi. Atualmente, a universidade disponibiliza mais de 150 opções de cursos e habilitações nas modalidades presencial e de educação a distância (EaD), nos níveis de graduação e pós-graduação, oferecidos nos 29 Departamentos distribuídos em 24 municípios baianos.

2- Esta expressão é utilizada para relacionar conteúdos da Geografia e da Cartografia na escola.

3- As atividades do desenho trajeto casa-universidade; desenhando a música; desenhando o corpo; partida de futebol e; menina-mundo foram realizadas no âmbito da formação do professor de Geografia do curso de Licenciatura em Geografia da UNEB em Serrinha-BA durante as aulas de Prática de Ensino em Geografia II, disciplina ofertada no segundo semestre do referido curso.

4- Esta atividade foi proposta a partir das ideias de Almeida (2003) expressas na obra "Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

5- Foram distribuídas as seguintes letras de músicas: Parabolicamará de Gilberto Gil (1991); Planeta Água de Guilherme Arantes (2009) e Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (2001).

6- Para a realização desta proposta de atividade, consideramos as ideias de mapa corporal de Castrogiovanni (2000). Ver obra "Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano".

7- Para a realização desta proposta didática, consideramos as ideias de atividades sobre representação espacial de Castrogiovanni (2000). Ver obra "Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano".

8- Elaborada pela professora Simone Santos de Oliveira. Esta proposta de atividade foi pensada a partir das dificuldades que os graduandos tinham sobre localização e orientação espacial. Ela foi criada especificamente para atender as necessidades formativas durante a disciplina de Prática de Ensino em Geografia II, nas discussões sobre a importância do processo de alfabetização cartográfica na escola durante o curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI.

Correspondência dos autores:

simone santos de oliveira

e-mail: ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 21/12/2015

Revisado pelos autores em: 17/05/2016

Aceito para publicação em: 30/06/2016